

3 e 4 de dezembro de 2014



AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM ESCRITA: A SALA DE AULA COMO UM ESPAÇO DE INTERLOCUÇÃO

Andreia Binotto (andreiacarla92@hotmail.com)¹, Franciele Fátima Marques (francielemarques@uri.com.br)², Miriam Londero (miriamlonder@hotmail.com)³, Francieli Strada (franci.st.08@live.com)⁴, Alana Paula Chies (alanapaulachies@hotmail.com)⁵, Daniela Glowacki (danielagbonato@gmail.com)⁶ – URI – Campus de Erechim

INTRODUÇÃO

Sabedores de que o contexto social interfere de forma significativa na educação de crianças, em especial, em sua fase inicial de escolarização, o presente trabalho, tem por objetivo principal a análise das interferências de tal contexto na alfabetização de crianças, tendo o espaço da sala de aula como um espaço de interlocuções entre professor e estudantes, bem como, entre escola e contexto social. Assim sendo, com o intuito de buscarmos a relação escola e sociedade e perceber tais interferências no espaço da sala de aula e, portanto, na aquisição dos signos da leitura e da escrita, partimos da seguinte problemática central: Tendo a sala de aula como um espaço de interlocução, quais as interferências do contexto social na aprendizagem escolar?

DESENVOLVIMENTO

Em um contexto escolar, o espaço da sala de aula constitui-se em um espaço de interlocução, assim como também, constitui-se neste espaço, o contexto social onde as crianças se inserem. Estes espaços de interlocução, por sua vez, transformam-se em espaços de aprendizagem. A interlocução é tida como uma linguagem em funcionamento, onde cada interlocutor produz discursos na mediação da comunicação interativa num processo de significação. Bakhtin buscava compreender como a realidade determina o signo⁷ e, como o

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia da URI – Campus de Erechim. Bolsista CAPES/PIBID.

² Pedagoga. Mestre e Doutoranda em Educação pela Universidade de Passo Fundo. Professora do Departamento de Ciências Humanas – URI Campus de Erechim. Coordenadora CAPES/PIBID – Curso de Pedagogia.

³ Acadêmica do Curso de Pedagogia da URI – Campus de Erechim. Bolsista CAPES/PIBID.

⁴ Acadêmica do Curso de Pedagogia da URI – Campus de Erechim. Bolsista CAPES/PIBID.

⁵ Acadêmica do Curso de Pedagogia da URI – Campus de Erechim. Bolsista CAPES/PIBID.

⁶ Acadêmica do Curso de Pedagogia da URI – Campus de Erechim. Bolsista CAPES/PIBID.

⁷ O signo não existe *a priori*, existe na relação entre as pessoas, na compreensão destes signos, vinculada ao contexto social em que se insere cada indivíduo.

IV Seminário Institucional Integrador de Iniciação à Docência PIBID URI



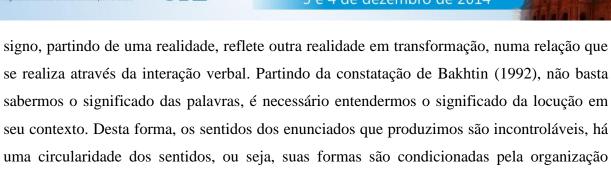


época ou contexto social.



O PIBID NA ESCOLA

3 e 4 de dezembro de 2014



social dos indivíduos, bem como, pelas condições em que a interação ocorre, em determinada

No estudo da linguagem, a significação dos objetos ultrapassa a materialidade, ou seja, traduz-se em signos com funções sociais. A contribuição de Bakhtin (1992), desta forma, em suas raízes marxistas, corresponde a uma interação dialética que se traduz na atividade objetiva e subjetiva dos homens, detectando formas de expressão dentro da organização social, possibilitando análises dos discursos em diferentes situações e em classes distintas. A relação dialógica enquanto relação que produz sentidos envolve, no mínimo, duas consciências (pessoas distintas) e, nessa perspectiva, a dialogia tem fundamental importância na constituição das práticas discursivas que ocorrem na sala de aula. Assim, sendo a aula um espaço de interlocução constante, onde ocorrem relações sociais no diálogo entre o adulto (professor) e a criança, jovem ou adulto (estudantes), é necessário que se tenha uma organização do trabalho pedagógico a ser realizado. Levando-se em consideração a perspectiva de interlocução segundo a concepção de Bakhtin (1992), o trabalho pedagógico deve ser organizado de forma a contemplar as experiências vividas pelos estudantes em seu contexto social sem perder a centralidade no conhecimento, a fim de não perder assim, o foco do trabalho. As interações entre os sujeitos se torna fundamental primordialmente no uso da linguagem, signo que permeia as relações humanas, através do qual se constrói o pensamento e a consciência e, portanto, a aprendizagem.

Esta relação dialógica proposta por Freire (1986) que se dá numa relação com sentido envolve sempre, no mínimo, dois sujeitos e, portanto, duas consciências. Nessa perspectiva, a dialogia tem fundamental importância na constituição das práticas discursivas que se efetivam no ambiente da sala de aula. O processo dialógico, como defende também Bakhtin (1992), é um ato social e, neste sentido, quando desenvolvido no contexto da sala de aula, tendo-a como um espaço de interlocução entre os sujeitos envolvidos, possibilita a produção do conhecimento coletivo. Nessa perspectiva dialógica, a voz do estudante adquire espaço no contexto de produção do conhecimento, enriquecendo as relações polifônicas que se

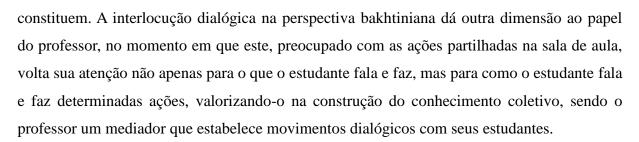






O PIBID NA ESCOLA

3 e 4 de dezembro de 2014



Na direção contrária do processo dialógico entram outras práticas educativas, entre elas, a do silenciamento. Problematizando-se a educação oferecida nos espaços escolares e os métodos adotados hoje, observa-se que estes métodos permitem o controle e a organização dos saberes a serem transmitidos pelos "professores", mostrando como certas atitudes e práticas servem aos interesses sociais de uma única classe. O poder está naquele que fala, que profere suas palavras, numa linguagem que intimida e apequena, fortalecendo o calar, o silenciar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A possibilidade de reversão desse quadro está em tomar o ser humano como sujeito principal do processo educativo, agente deste processo. Para isso, Freire e Shor (1986) afirmam enfaticamente que se precisa muito mais que um planejamento acabado, precisa-se de professores libertadores, que falem a língua dos estudantes e os ajudem a enxergar a verdadeira realidade que os cerca. Essa forma de valorização da cultura do educando permitelhe aprender a ler e escrever a sua vida, como autor e como testemunha de sua história, adquirindo consciência reflexiva de sua cultura, fazendo assim, uma reconstrução crítica do mundo e, abrindo novos caminhos, construindo um projeto histórico de mundo comum, rompendo as fronteiras disciplinares e contribuindo para novas visões de mundo e de escola.

Interagir com as múltiplas vozes que constituem a consciência é abrir a possibilidade de construção de práticas sociais dentro de uma perspectiva dialógica, qual seja a prática que valoriza o discurso, permeado pela linguagem, como constituinte do sentido, dimensionando a palavra como apoio para a construção do conhecimento e interações sociais.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 16. ed. São Paulo: Paz e terra, 1996.